

# O GRITO DO POVO

JORNAL OPERÁRIO COMUNISTA Nº 2

FEVEREIRO DE 1972

PREÇO 1,00

## OPERÁRIOS E OPERÁRIAS EM LUTA CONTRA A EXPLORAÇÃO

### EM BRAGA NA GRUNDIG

No dia 7 de Fevereiro, os 1.800 operários e operárias da Grundig entraram em greve que só terminou com o recuo do patrão, três dias depois, dia 10, cedendo aumentos de 75% para as mulheres e de 50% para os homens.

Apesar de desde o dia 9, 200 chuis e guardas cercarem a fábrica e a impedir de entrar lá dentro, os proletários em luta permaneceram firmes e unidos como um só, preparando-se para enfrentar a polícia. A pida foi corrida depois de um ataque ao delegado do patrão.

Mas isto é só um começo e uma pequena amostra da imensa força do proletariado. Continuemos e intensifiquemos a luta.

O POVO EM LUTA É INVENCÍVEL!  
(Reportagem pag. 3)

### EM FAMILIÇÃO NA RODERSTEIN

Os operários em luta, opuseram às manobras do patrão (o alemão Max Grundig) uma greve de vários dias.

### EM MATOSINHOS

No dia 5 de Fevereiro na fábrica de conservas Alva, as operárias recusaram-se a trabalhar o peixe congelado e foram embora, como protesto contra a opressão e as miseráveis condições de trabalho, a que a dita dura dos patrões submete os trabalhadores.

(Reportagem pag. 2)

### NA ALVA



Para que nos servem os sindicatos legais?

Ainda alguém tem dúvidas que a burguesia não abdica dos seus privilégios a não ser pela força? Que só quer aumentar os seus lucros?

A custa de quem vive a burguesia? Estará ela disposta a melhorar as nossas condições de vida? O custo de vida sobe cada dia mais e mais; e que regalias nos trás o novo Contrato Colectivo cozinhado pelo governo?

Até quando deixaremos que os vampiros chupem o nosso suor e o nosso sangue? Chuparam o suor e o sangue dos nossos pais e avós! Deixaremos que chupem o nosso e o dos nossos filhos?

Camaradas!

Nós quebraremos o jugo e as cadeias.

Nós não temos medo dos burgueses.

A luta chama-nos!

Marchemos em frente para a greve, sigamos o exemplo vitorioso dos nossos camaradas da Grundig, recusemo-nos a trabalhar e ocupemos as fábricas!

A vitória será nossa.

EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPULAR!

(continuação da pag. 1)

# ALVA MATOSINHOS "O PATRÃO NÃO FAZ POUCO DE NÓS, ELE QUE VÁ À MERDA"

Pela manhã do dia 5 de Fevereiro, apresentaram-se na fábrica de conservas Alva as operárias para começarem o seu trabalho, mas o patrão Alves da Silva, mandou informá-las que não havia peixe para elas e que somente trabalhariam as empreiteiras que são as do quadro.

Entretanto cheggu peixe conge<sup>o</sup>do do Sul e o patrão mandou dizer-lhes que já havia peixe para que todas pudessem trabalhar.

Já muito pouco satisfeitas elas lá foram dispostas a trabalhar, mas é que o peixe estava congelado e com o frio que fazia era impossível pôr as mãos nele.

Então fizeram ver ao mestre que trabalhar assim com o peixe era uma autêntica tortura e não podiam suportar aquele sofrimento. O mestre como resposta, e porque é o lacaio do patrão ordenou que trabalhassem e se deixassem de paleio.

As operárias já não puderam aguentar mais e então resolveram não trabalhar e todas abandonaram a fábrica a dizer: "O PATRÃO NÃO FAZ POUCO DE NÓS, ELE QUE VÁ À MERDA, NÓS NÃO SOMOS ESCRAVAS DELE, QUE VÁ TRABALHAR JÁ QUE NÃO FAZ NADA".

Já que ninguém quiz olhar às condições de trabalho, as camaradas da fábrica Alva agiram da melhor maneira fazendo greve para que o patrão não julgasse que aquilo era uma mama.

Caros camaradas operários e operárias, devemos ficar alegres com a greve das nossas camaradas da Alva e sempre que os patrões quei-

ram fazer pouco de nós devemos co<sup>o</sup>no elas para que eles não julguem que isto é só explorar e nós ficarmos muito caladinhos.

Vamos mas é dar coça neles e organizarmo-nos dentro das fábricas para que a nossa luta possa ser muito forte.

Quem tem a culpa de tudo isto, desta exploração que os patrões fazem aos operários e operárias, é o Estado que é composto por exploradores e assassinos que são os representantes dos patrões. Para acabarmos a exploração só com a REVOLUÇÃO POPULAR dirigida pela classe operária, a qual trará a transformação do estado explorador num estado dirigido pela classe operária, em que o poder será para nós os que trabalhamos e não para os que enchem a pança à nossa custa. Sem uma forte organização dentro das fábricas e sem uma forte união de todos os trabalhadores na da se poderá fazer. Vamos para a luta camaradas!

Sempre que haja condições de trabalho que ponham em risco a nossa saúde, recusemo-nos a trabalhar e caguemos no patrão.

Por qualquer razão que achemos justa também não trabalharemos e estaremos em permanente luta não só contra o patrão, mas também contra este governo de bandidos e todos os seus lacaios.

## O MARTELO

Boletim operário de Informação Revolucionária, do COMITÉ OPERÁRIO ESTALINE, acaba de aparecer no fogo da luta operária.

Repetimos com os camaradas de "O MARTELO".

"A nossa luta não pode ser feita à sorte. Temos de nós armar (pistolas, martelos, facas, etc.) e, principalmente temos de nos unir e organizar para que não haja capitalistas que nos derrotem"

Aos camaradas de "O MARTELO" as nossas mais cordiais saudações vermelhas!

## VIVA A REVOLUÇÃO

Expressão do COMITÉ REVOLUCIONÁRIO DE ESTUDANTES COMUNISTAS, jornal de propaganda da linha proletária e da Revolução Popular no movimento estudantil, acaba de sair com o seu primeiro número. Dele alcançamos o justo enquadramento da luta sindical na linha revolucionária, contra as falsidades reaccionárias dos revisionistas e oportunistas de todas as cores e feitios que tentam subordinar o movimento dos estudantes aos interesses de classe da burguesia!

# LUTA OPERÁRIA em Braga

Na Grundig, em Braga, fábrica onde estão 1.800 trabalhadores, dos quais 80% são mulheres, o director Hoffmeister, agente directo do patrão, tentou passar os trabalhadores do sindicato dos metalúrgicos para o dos electricistas, por causa do novo contrato que entrou em vigor em Janeiro e que dava melhores salários.

Já em 1968 o alemão Hoffmeister, tinha feito o inverso, passando dos electricistas para os metalúrgicos, pois nessa altura eram os electricistas que acabavam de ter um novo contrato.

No dia 31 de Janeiro, no dia do pagamento dos trabalhadores que recebem ao mês, estes viram realizado o que o director já andava há

uns tempos a tramar: passariam a pertencer aos electricistas pagando uma quota maior, sem o aumento de salário dos metalúrgicos e sem especificação de categorias, o que permitiria ao director, de acordo com os seus laços sindicais metê-los depois na categoria que quizessem. Logo os trabalhadores reagiram, havendo uma movimentação de protesto, e recusando-se vários

a receber. Ao fim da tarde foram ao sindicato dos metalúrgicos para discutir a situação. A direcção disse que sim senhor, que tinham razão, e que ia ver as possibilidades legais de resolver o assunto.

Apartir desse dia 31, os operários e operárias que recebem à quinzena, cujo dia de pagamento ia ser 7 de Fevereiro, começou a discutir as formas de luta a adoptar, sendo desde logo apoiada vivamente a palavra de ordem - Greve ao trabalho.

Durante a semana o sindicato reuniu várias vezes com o delegado do Instituto (I.N.T.P.) e com o patrão, e ia fazer "um apelo aos associados para a não perturbação da ordem no acto do recebimento dos salários", que seria lido aos microfones internos da fábrica conjuntamente com um texto negociado com o Hoffmeister (comunicado 1/72 Braga). Acabaram por não o fazer pois informaram que qualquer solução só poderia ter lugar depois de Maio, o que, sendo uma manobra da burguesia para dar tempo ao patrão e dividir os operários, levá-los-ia a considerarem abertamente a direcção do sindicato como estando contra os interesses operários e ao serviço dos interesses patronais.

## HOFFMEISTER

Nome falso de um criminoso de guerra nazi, preso em França depois da Libertação, por ser guarda num campo de concentração e de extermínio, evadido de França e com a cabeça a prémio no Brasil (antes da actual ditadura fascista), encontrou como muitos outros criminosos nazis um lugar seguro no país do nazi Salazar, onde continua a realizar a sua criminosa tarefa de exploração e aniquilamento dos trabalhadores, às ordens do imperialismo alemão. Por pouco tempo, pode estar certo ...

nos seus apelos à não perturbação da ordem capitalista. Isto por que as operárias e os operários se mostraram firmes e dispostos a avançar na luta até à sua satisfação das suas reivindicações e a não se deixarem enganar.

Entretanto durante a semana, como a situação não se resolve, no dia 2, o delegado convoca como é costume uma comissão com a participação de alguns operários e encarregados, para uma reunião à tarde na de-

legação do Instituto. Os trabalhadores lá vão acompanhados por algumas centenas de companheiros de trabalho, que ficaram à porta. Inicialmente, por causa disso, o delegado queria recusar-se a recebê-los desde que os operários que estavam da parte de fora não dispersassem. Mas como a força estava do lado dos operários, pois estavam unidos e decididos à luta, e era ao delegado que ardia o cu, a reunião efectuou-se mesmo. Nela, os trabalhadores presentes afirmaram que defendiam os seus interesses e direitos;



# eles que entram que saiem de maca

o delegado, laçao dos patrões, dizia que tinham razão, mas que a luta era ilegal, que não tinham o direito de lutar e autorizou uma reunião no sindicato para o assunto ser discutido. Entretanto da parte de fora, a concentração de trabalhadores e de outras pessoas vai engrossando, dando-se informações e discutindo-se o que se passava na Grundig. Para que a comissão não desse informações à concentração de trabalhadores, com medo que estes agissem directamente sobre o órgão burguês e anti-operário que é a delegação, fizeram a comissão sair pelas traseiras.

Na segunda-feira, dia 7 à hora do pagamento, os operários puderam confirmar as suas previsões. Verificaram que o sindicato nada tinha conseguido. Receberam o miserável salário e unidos como um só, permanecendo nos locais até à hora da saída. Alguns encarregados cães fieis da burguesia, tentaram fazer os operários trabalhar, dizendo-lhes que era ilegal o que faziam e ameaçando-os. Nada conseguiram porque os operários e operárias estavam unidos e conscientes de que as leis (a tal legalidade) dos burgueses, dos patrões, são as leis da exploração, são as leis inventadas pelos capitalistas para sugarem o trabalho dos operários. À hora da saída picaram o ponto e ficaram-se embora.

À noite no sindicato, reúnem-se cerca de 500 trabalhadores, homens e mulheres para discutirem a situação. Como antes, a direcção do sindicato diz que têm razão mas em relação às formas de luta nada acrescentam.

Terça-feira, dia 8, os operários e operárias voltam todos à fábrica, picam o ponto, ocupam os locais de trabalho e, continuando a greve, analisam e discutem a situação. A atitude dos operários e operárias continua firme. Alguns encarregados continuam a tentar amedrontar. Depois vem o delegado do instituto, cão-agente do estado-burguês, dos patrões, do sistema capitalista e do imperialismo, com o paleio do costume: "esta situação é ilegal, os trabalhadores não têm direito à greve", e ameaça dizendo que caso não regressem ao trabalho, não deixa

de ser da competência do Ministério das Corporações e passa para outro, ou seja em linguagem de gente, que manda vir a policia e a pide.

Quarta-feira, dia 9, continua a greve e a ocupação. A perspectiva de carga policial paira no ar. "Se querem porrada, tê-la-ão", "Eles que entrem, que saiem de maca", diziam os operários e operárias preparando-se para opor à violência capitalista a resistência violenta do proletariado.

À tarde, chega a policia: 200 chuis, uma carrinha de guardas, vindos das redondezas (Guimarães, Famalicão, Santo-Tirso, etc.) e 18 pides comandados pelo sub-director Cunha, vindos do Porto. Os operários e operárias preparam-se para receber a carga policial com as armas de que dispunham. Mas só entram os pides e os chefes da P. S.P. e G.N.R., e dirigem-se à fábrica 2. Entram e tentam obrigar as operárias a trabalhar. Vendo que nada conseguem, face à vontade de inabalável das operárias (que constituem a imensa maioria da fábrica 2) tentam a velha tática da burguesia: quebrar a unidade operária, dividir para reinar; chamam as secções uma por uma para o refeitório e aí chamando cada operária individualmente, os vampiros pidescos, sedentos de sangue operário, habituados a terrorizar as massas trabalhadores, gritavam: "Quer trabalhar?" "Não!" respondi-am as operárias. "Quem a mandou parar, quem é o chefe?" "O meu chefe é a minha folha de salário" respondeu uma operária sem se deixar intimidar. E os pides mandavam-nas para um lado e apontavam-lhes o nome. De início algumas operárias, hesitantes, sózinhas e desarmadas face ao inimigo terrorista disseram que sim. Mas depressa o coro unido da esmagadora maioria que resolutamente disse NÃO, mostrou aos pides que não passavam de impotentes face à força da classe operária unida e decidida a vencer.

Então os tigres de papel redobraram os esforços. Mandaram as secções para os locais de trabalho e aí começaram a empurrar ferozmente as operárias e tentaram obrigá-las a sentarem-se no trabalho. Algumas operárias desmaiaram. Por

# "OU MANDA RETIRAR A POLICIA OU ARRAZAMOS TUDO!!!"

todos os lados se levantavam gritos de protesto e de combate. Um operário atirou-se aos facinorosos pidesões. Deram-lhe voz de prisão mas não o conseguiram levar.

Em determinado momento, um pida obriga brutalmente uma operária grávida a trabalhar. Esta desmaia e cai no chão. Numa só voz, num só gesto, as operárias gritaram e avançaram sobre os chacais: "Assassinos", "Bandidos", "Filhos da puta". Estes, tigres de papel, recuam acagaçados e nunca mais tentaram obrigar ninguém a trabalhar.

Entretanto, devido à grande afluência de operárias desmaiadas à enfermaria, os operários da fábrica principal aperceberam-se das brutalidades de que estão a ser vítimas as suas camaradas e

das suas necessidades de auxílio.

Vão ao gabinete do Hoffmeister, procurá-lo. Abrem a porta à biqueirada, o Hoffmeister não estava. No seu lugar, escondido na secretária, com as mãos na cabeça,

acagaçado, reduzido à sua verdadeira dimensão de explorador, o director técnico; "Quem chamou cá a polícia?" perguntaram os operários; "Ou a manda retirar imediatamente ou arrazamos tudo". O tigre de papel, borrado por todos os lados, balbucia: "Não fui eu" e vai imediatamente ter com os pides. Manda-os abandonar a fábrica dizendo "isto é material muito sensível, milhares de contos de prejuízo se houver violência cá dentro". Os pides retiraram do interior e os trabalhadores voltaram para casa sem confrontações com o cordão de polícia que se estabelecia à porta.

Na quinta-feira, dia 10, os operários e operárias voltam a ocupar o local continuando a greve, decididos a irem até ao fim, fazendo frente a todas as manobras, legalismos, amedrontamentos e tentativas de divisão. De "Lisboa" diz-se que ou a fábrica volta à

normalidade até à meia-hora ou entra a polícia armada. O operariado prepara-se para a deifrontar mas, cerca das 11 da manhã, o patrão recua e cede, num aumento de 75% para as operárias e de 50% para os operários, com os dias de greve pagos. A polícia retirou.

Consta que precisamente nessa altura, os operários alemães das fábricas Grundig na Alemanha, preparavam-se para iniciar uma greve de solidariedade aos operários portugueses da Grundig, pois seguiam a situação desde segunda-feira pelos jornais e pelas várias emissoras de rádio que anunciaram a greve no estrangeiro.

A pide, abriu um inquérito e fez interrogatórios aos operários que o patrão e os bufos do patrão arrazaram mais activos durante a greve,

nomeadamente à comissão que tinha ido falar com o delegado. Alguns interrogatórios duraram mais de uma hora, "para tentar descobrir a mão invisível que mexe os cordelinhos" na conversa deles,

## A GRUNDIG

Grande trust imperialista centrado na Alemanha de que é proprietário Max Grundig. É um dos maiores monopólios do mundo, explorando 72.000 operários. Um dos principais agentes do imperialismo alemão em Portugal, em colaboração com os seus lacaios da burguesia portuguesa.

ameaçando e intimidando os operários com prisão, o que evidentemente não fizeram pois sabiam que teriam a resposta dos operários unidos.

O facinora Santos da Cunha, governador civil de Braga, bandido e porco burguês do mais alto calibre, andou para aí a dizer que "o problema devia ter sido resolvido com a invasão da fábrica pela polícia armada e carga sobre os operários, porque isto da empresa ceder abria um precedente perigoso e era um mau exemplo para os outros operários que vão concerteza fazer o mesmo".

"QUE ERA UM MAU EXEMPLO  
PARA OS OUTROS OPERÁRIOS  
QUE VÃO CONCERTIZA  
FAZER O MESMO."

# EM FRENTE PELA REVOLUÇÃO POPUL.

1 - As operárias e operários da Grundig, depois das lutas do ano passado, conquistaram agora uma grande vitória. Mostraram que quando os operários lutam firmes e unidos, o seu inimigo de classe (os patrões, o Estado, a burguesia) recua e cede. Mostraram que a burguesia pode ser vencida, que ela só é forte na aparência, mas fraca quando os operários avançam com formas de luta corretas. Mas esta grande vitória é só um começo. É preciso prosseguir. O inimigo cedeu mas só em parte. Os operários da Grundig continuam a receber um salário muito inferior aos dos metalúrgicos. E o salário dos metalúrgicos, é um salário de miséria muito inferior ao que foi reivindicado. Os metalúrgicos lutaram pelo contrato principalmente através do sindicato. O sindicato de nada valeu, nada conseguiu, os patrões riram-se. Os metalúrgicos compreenderam assim que

têm de se apoiar nas suas próprias forças e avançarem com greves e com formas de luta violentas que obriguem o inimigo a ceder. Foi o que fizeram os operários da Grundig e é esta a lição que têm a dar ao proletariado. Mas isto é só um começo. Em Portugal a burguesia que nada faz explora e oprime a maioria do povo, os que tudo fazem, os trabalhadores. Os capitalistas têm tudo, os trabalhadores só tem a sua força de trabalho para venderem por salários de fome. O sistema capitalista é um sistema ignóbil de tirania e exploração sobre os trabalhadores. A burguesia não dá nada aos trabalhadores. Paga-lhes uns salários para os manter vivos, para que estes trabalhem para ela. As leis, os contratos, o Estado, a polícia, são formas da burguesia realizar a tirania.

Contra este estado de coisas só há um caminho para a liberdade do povo: a Revolução Popular encabeçada pelo proletariado, que leve à Democracia Popular, ao Socialismo e ao Comunismo, a uma sociedade sem patrões, sem exploradores, sem polícias ao serviço da exploração, onde primeiro " cada um ganhe conforme o seu trabalho " e depois " cada um forneça à sociedade e receba conforme as suas necessidades ", ou seja, ao Comunismo.

## A LUTA DESMASCARA

### DESPEDIMENTOS

A empresa já começou a mudar operários de uma secção para outra, dizendo-lhes que já não são aí precisos. Prepararam-se para começar a despedir os operários que consideram mais activos na luta pelos direitos da classe operária. PERMANECEREMOS atentos e vigilantes. Não permitamos que um só camarada seja despedido. Se alguém for despedido desencadeemos a luta e informemos os outros trabalhadores da região. Mantenhamos a nossa firmeza e unidade operárias.

NÃO AOS DESPEDIMENTOS!

### OS

### REFORMISTAS

2 - Devemos estudar cada uma das lutas que a classe operária desenha - deia contra o inimigo de classe (a burguesia) e tirar mos delas os ensinamentos do que se deve fazer e do que não se deve fazer. Desta forma, poderemos também aprender uma coisa muito importante, que é sabermos distin-

guir os nossos inimigos dos nossos verdadeiros amigos. Há muitos que se dizem nossos amigos mas que na luta deixam cair a máscara: é o caso dos sindicatos. Vejamos: o que fez o sindicato dos metalúrgicos de Braga na luta da Grundig?

- Fez sair o primeiro comunicado do ano (nº1/72) no dia 7 de Fevereiro, quando, desde 27 de Dezembro de 1971 estava informado da manobra do patrão. Em vez de informar as massas, na devida altura como era seu dever, ficaram-se num silêncio cúmplice, não defendendo os interesses dos trabalhadores. Mas a classe operária soube-lhes responder com a greve e ocupação e então eles fizeram sair o dito papel.

- Preparava-se para ir num momento de luta, fazer um apelo à ordem capitalista, depois de negociar com o Hoffmeister, e só não

o fez quando viu que seria desmascarado pelas massas em luta.  
- Durante todo o tempo de luta nada mais fez que repetir todas as vezes que continuaria "a realizar todas as diligências possíveis e razoáveis (?) para pôr termo à actual situação, para a qual em nada concorreu", e repetir as patranhas da "legalidade" burguesa e dos "tribunais" capitalistas. E a propósito: RAZOÁVEIS?! Não estariam os trabalhadores a lutar da forma mais razoável, da única forma razoável, da única que lhes permite vencer? Os reformistas, inimigos da luta revolucionária de classe do proletariado desmascaram-se na luta.

A classe operária soube seguir o caminho justo para a frente na luta, banindo as legalidades dos reformistas sindicais e avançando na greve, ao mesmo tempo que aproveitou as possibilidades que o sindicato fornecia para se unir e discutir, com reuniões de centenas de operárias e operários seguindo as palavras de ordem expressas no nº1 de "O GRITO DO POVO":

"Devemos aproveitar as possibilidades que "certos" sindicatos nos dão para nos unirmos, para comunicarmos entre nós..."

"Devemos ultrapassar rapidamente as direcções e passarmos a luta seguindo as palavras de ordem clandestinas revolucionárias sem nos preocuparmos com as laidainhas e com as papeladas que os chefes do sindicato possam atirar."

## O HOFFMEISTER E A CANTINA

Na Grundig não há cantina, há um refeitório onde os operários aquecem a comida que tem de trazer de casa. Há também uma venda de bebidas explorada directamente pelo Hoffmeister, a preços exorbitantes. A lei dos burgueses é tão falsa, que eles nem a sua própria lei cumprem!

O Hoffmeister não tentará já os despedimentos. Tem medo e por isso vai deixar correr um mês ou dois para tentar começar a fazê-los. Que ninguém tenha medo! Que nos conservemos sempre unidos e preparados para a luta, que ele nada conseguirá!

## COMO LUTARMOS

3 - A greve com ocupação, o ataque ao patrão ou seus agentes directos (formas usadas na Grundig) são algumas das formas de luta, mais adequadas neste momento à luta da classe operária em Portugal. A estas devemos acrescentar as manifestações de rua. Isto porque, como já vimos, a burguesia não dá nada, não abdica dos seus privilégios com papelinhos, pedinchices ou invocando leis. Como vimos as leis é a polícia, servem o mesmo: o patrão, o Estado burguês, o imperialismo, a tirania exploradora sobre os trabalhadores. Por outro lado, porque a vitória final sobre a exploração, faz-se através de uma GUERRA POPULAR PROLONGADA, constituída por pequenas vitórias, em que o povo com os proletários à cabeça se tempera, se educa, reforça os laços da unidade e se fortalece. A GREVE - porque esta é em Portugal no momento actual, uma forma eficaz de exercer uma pressão económica sobre o patrão que o obriga à cedência, face às nossas reivindicações. Porque é uma forma de luta em que os trabalhadores tomam consciência da sua força revolucionária, que é a maior força que existe sobre a terra. Em países em que a burguesia tem um grande "poder de encaixe" às greves, muitas vezes elas de pouco valem. Nesses países, então é preciso outras formas que exercem maior pressão sobre o patronato (sabotagem da produção, das máquinas, etc. Em Portugal, de uma maneira geral, hoje, o inimigo de classe (a burguesia) tenta imediatamente sufocar qualquer grito de



revolta, pois a tirania sobre o povo é tal que eles bem sabem que "uma fagulha pode chegar fogo a toda a planície."

### DA GREVE ECONÓMICA À LUTA POLÍTICA

Devemos fazer evoluir o conteúdo das greves, de económico para político ou seja: não devemos ficar agarrados à ideia que o nosso único inimigo é só o patrão da nossa fábrica; devemos compreender e fazer vêr aos outros trabalhadores que o nosso inimigo é a classe dos patrões e tudo o que está ao seu serviço: o Estado dos patrões, o Estado burguês, desde os ministros até aos bufos, passando pela polícia e os patrões. E temos de fazer isto, porque o poder tem força suficiente para nos arrancar mais cedo ou mais tarde as vantagens que conseguimos nas nossas greves económicas (sobretudo através do aumento da carestia da vida). Por outro lado, quando conseguimos um aumento, não mudamos de fundamental: a exploração capitalista, ou seja: NÓS TRABALHAMOS E OS PATRÕES E SEUS LACAIO ENCHEM A PANÇA À NOSSA CUSTA. Esta situação de exploração durará sempre enquanto a burguesia estiver no poder, tiver debaixo da sua pata o poder político e o poder militar (a força das armas). É por isso que só com uma luta política revolucionária, conquistando o poder que agora pertence aos burgueses e substituindo-o por um poder popular, dirigido pelo proletariado, transformaremos a nossa condição.

A OCUPAÇÃO - Nunca devemos fazer uma greve e ficarmos em casa. É preciso que nos mantenhamos todos juntos, bem unidos, ocupando os locais de trabalho. É na luta que se reforçam os laços da união. Durante a ocupação devemos empregar o tempo a prepararmo-nos para os momentos seguintes da luta: discutindo os nossos problemas, vendo como eles são os mesmos para toda a classe operária, definindo o inimigo como sendo a burguesia, discutindo as formas práticas de conduzir a luta, etc..

### ALARGAR A LUTA OPERÁRIA E POPULAR

Podemos ser cercados e provisoriamente vencidos se ficarmos quietos

e as armas de que dispuzermos forem inferiores às do inimigo de classe, que pode numa situação dessas, mobilizar grande parte das suas forças contra uma secção relativamente pequena do movimento operário, se este estiver só. Para isto só há uma solução e essa é vitoriosa: estender a greve a outras fábricas, entrar em contacto com o resto do povo para nos apoiar e nos seguir no combate contra a ditadura burguesa. Ou seja desenvolver a Unidade operária e a UNIDADE POPULAR. Unido, o povo revolucionário com os operários à cabeça, é invencível! Na UNIDADE POPULAR seremos nós uma multidão imensa e os inimigos de classe poucos. Então somos nós que podemos cercar e aniquilar a burguesia.

### RESISTÊNCIA VIOLENTA ÀS FORÇAS ARMADAS DO INIMIGO.

O inimigo como temos visto, usa ao mesmo tempo, os sorrisos, as leis e as forças armadas. Estas últimas são as decisivas. A confrontação armada é o momento decisivo da luta contra a exploração. Mas antes de chegarmos às grandes confrontações temos de passar por pequenos combates. Temos de resistir violentamente ao assalto violento das forças burguesas, quando estamos barricados como se preparavam para fazer os camaradas da Grundig. Aí a UNIDADE POPULAR, a unidade de todos os trabalhadores das várias fábricas e o resto do povo é mais importante do que nunca, e aí, a nossa Defensiva tornar-se-á vitoriosa se não ficarmos quietos, se nos movermos com ordenadamente e atacarmos o inimigo nos seus pontos mais fracos com uma força superior, cercado-o e aniquilando-o. Este é um dos princípios básicos da GUERRA POPULAR, que nos devemos preparar para aplicar à medida que a nossa luta avança.

O ATAQUE AO PATRÃO-É uma acção que pode resolver alguns problemas em determinado momento se for efectuada pelos trabalhadores em luta. Poderemos com este ataque, sequestrando o patrão, obrigar o inimigo a recuar alguns passos que nos podem ser de extrema utilidade.



É uma forma de luta operária utilizada há mais de um século pelos operários de todo o mundo, para ganharem determinados pontos, como o aumento salarial, a retirada da polícia ou a readmissão de camaradas despedidos. Foi usado de forma vitoriosa pelos camaradas bascos há pouco mais de um mês. Foi usada várias vezes em França o ano passado. Obrigou a pida a retirar na Grun dig, quando os operários assaltaram o gabinete do patrão e obrigaram o director a pôr os pides na rua.

AS MANIFESTAÇÕES DE RUA - são umas das formas mais eficazes e directas de informarmos, unirmos e mobilizarmos os trabalhadores para a luta. Em Portugal, falar de manifestações é falar de confrontação com a polícia. Devemos ir preparados para isso. As manifestações de rua são um embrião da Guerra e da Unidade Popular.

#### 4 - PEQUENAS LIÇÕES PRÁTICAS DA LUTA DA GRUNDIG.

Comissões legais: a nomeação de comissões por parte dos delegados da burguesia ou seus lacaios disfarçados, tem geralmente por objectivo tentar pôr o órgão de direcção do movimento num grupo legal de pequeno número, para depois poder intimidar com a repressão, e fazer recuar os membros dessas comissões, tentando assim fazer recuar as massas. Além da intimidação, a burguesia pode ainda tentar outras formas de manobrar estas comissões legais, a través da tentativa de corrupção e suborno. Pode não o conseguir, mas pode-o conseguir também, o que não seria nem a primeira nem a segunda vez.

Acções isoladas: na luta temos de evitar o mais possível que alguém se isole. Se alguém se isola, passa a constituir um ponto fraco, e é sobre ele que o inimigo se lança. Por exemplo, quando um operário ataca o inimigo, temos de nos ligar a ele por todas as formas e não o deixar ficar sózinho. Se isso não é possível e quando se corre o risco de ficar isolado é preferível não atacar aí. A acção de pequenos grupos isolados, só é possível com uma grande

mobilidade, que permita descobrir e atacar apenas posições do inimigo mais fracas, ao mesmo tempo que evita cair nas malhas das grandes concentrações de forças inimigas.

Organização: às comissões legais que o inimigo de classe e seus lacaios disfarçados propõe, e de que já vimos os inconvenientes, temos de opor uma organização clandestina de fábrica. Esta organização, o comité operário, formado pelos operários mais conscientes, é absolutamente clandestina, recolhe as ideias das massas, centraliza-as, e lança-as novamente nas massas, pela escrita ou de outras formas clandestinas. Desta forma, será impossível para o inimigo enganar-nos com falsas cedências e manobras e será possível orientar nos a acção pelo caminho que mais nos interessa.

As propostas dos burgueses: quando os operários lutam, e a força das massas ameaça a burguesia, esta vem com propostas traiçoeiras para enfraquecer o movimento. Geralmente o que os burgueses pretendem é dividir os operários, voltar uns contra os outros para depois ter de enfrentar forças pequenas. A força dos operários está no número e na direcção justa. Ora a direcção justa é a que não se deixa levar pelas propostas da burguesia e que sabe manter os operários unidos do princípio ao fim. Portanto, desconfiemos e voltemos a desconfiar sempre, de tudo o que a burguesia diz, para não cairmos na ratoeira.

A REVOLUÇÃO  
ESMAGA A  
EXPLORAÇÃO



# FIM A ESCRAVATURA DA MULHER

Cada vez mais o capital empurra para a fábrica um maior número de mulheres, as fileiras femininas do proletariado engrossam dia a dia. A burguesia emprega cada vez mais mulheres para aumentar os lucros, pois a força de trabalho destas sai mais barata, por outro lado a mulher vê-se obrigada a procurar um trabalho remunerado devido ao salário do homem não bastar para satisfazer as necessidades de uma família operária. O capitalismo põs nos ombros da mulher uma carga que a esmaga; fez dela uma assalariada, sem ter tornado mais leve o seu trabalho de dona de casa e de mãe. Assim, a mulher dobra-se sob este triplo jugo insuportável que a faz suar sangue, que lhe arranca gritos de dor e, que muitas vezes a faz verter lágrimas. Nunca na História a sorte da mulher foi mais terrível e desesperada que a de milhões de operárias sob o jugo do capitalismo, da burguesia.

Hoje, mal nasce o dia, a operária corre para o trabalho, e à noite apressa-se a voltar a casa para preparar a comida da família e fazer os trabalhos de casa mais urgentes. Depois de ter dormido insuficientemente, volta no dia seguinte à sua jornada de operária, a vida da operária casada é um verdadeiro martírio!

Os trabalhos de casa: serviço de limpeza, cozinhar, lavar, remendar e engomar a roupa são trabalhos penosos e esgotantes que absorvem toda a força e todo o tempo que a operária passa fora da fábrica.

A educação dos filhos e a criação dos bebés é outra carga que recai principalmente sobre os ombros da mulher.

A operária além de ser uma escrava assalariada, como o operário, é ainda uma "escrava do lar".

Só a luta do povo unido, homens e mulheres lado a lado, poderá abrir o caminho para a libertação da mulher desta dupla escravidão. Só a união de todos os trabalhadores, homens e mulheres, poderá pôr fim à escravidão assalariada e abrir o caminho para o fim da "escravidão do

lar" de que é vítima a mulher no regime capitalista.

Com o poder nas mãos os trabalhadores por ao em funcionamento cozinhas centrais e restaurantes populares onde possam tomar as suas refeições; o tratamento das roupas será feito em lavandarias centrais onde a operária levará todas as semanas as suas roupas e quando for buscá-las encontrará tudo lavado e engomado; estas são algumas formas práticas que aliviarão as operárias dos trabalhos ingratos, improdutivos, estenuantes e embrutecedores a que hoje está submetida.

Também as creches, jardins de infância, escolas, para os filhos de todos os trabalhadores, permitirão as mães guardarem as suas horas de descanso para leituras instrutivas, para distrações saídas, para a sua total realização como pessoas humanas.

ABAIXO A ESCRAVATURA ASSALARIADA  
ABAIXO A ESCRAVATURA DO LAR  
VIVA A REVOLUÇÃO POPULAR



# ACABARAM-SE AS ILUSÕES VAMOS PARA A LUTA (EXTRACTO)

Os camaradas metalúrgicos sabem como a burguesia precisa deles; sem operários metalúrgicos não há refinarias Sacor, nem há estaleiros de Viana e da Lisnavê, nem há turbinas para as barragens do Carrapatelo e da Régua, nem há estruturas metálicas para construir mais fábricas, nem há motores Efacec nem Rabor. Os camaradas metalúrgicos, sabem que sem eles o dinheiro da burguesia não vale nada.

Por saberem quanto valem e de quanto precisam, os camaradas metalúrgicos pediram através do sindicato um novo contrato colectivo que actualizasse os salários. Mas a burguesia não é nenhuma organização de caridade. Só à porrada é que a burguesia pode ceder, só lutando a classe operária pode obter os salários que necessita.

Os camaradas metalúrgicos confiaram no sindicato e acreditaram que os patrões, os grémios e o governo, aprovariam novas tabelas. Isso foi uma grande ilusão. Uma grande ilusão que o sindicato meteu na cabeça dos operários, prometendo aquilo que não tinha poder para conseguir.

A circular desses traidores do sindicato dos metalúrgicos do Porto, nº 1/72, em que eles próprios se interrogam "se vale a pena?", veio acabar para sempre com essa ilusão: nem a burguesia está disposta a abrandar a exploração nem os sindicatos estão interessados em continuar a defender os interesses dos operários. Pois se a burguesia não cede e o sindicato abandona a luta, só temos um caminho a seguir: lutar com a nossa própria cabeça. Os camaradas metalúrgicos já viram que a cabeça da classe operária não são os sindicatos, pois o sindicato traiu a classe, lançou ilusões, e agora deserta quando devia vir para a frente da batalha.

Quem é afinal, a cabeça da classe operária?

A cabeça da classe operária tem de ser uma organização que defen-

da até à vitória final e total os interesses da classe operária. Essa organização terá de ser formada pelos operários mais conscientes, e tem de organizar, preparar para a luta e dirigir na luta toda a classe operária.

Durante dezenas de anos, a classe operária portuguesa tem estado de sunida, desorganizada e sem direcção. Agora é preciso dar um grande passo em frente na luta contra a exploração, para acabar com o poder da burguesia, para acabar com a miséria.

A grande massa dos operários portugueses só tem um caminho para defender eficientemente os seus interesses: destruir completamente o estado burguês e construir um país novo, governado pelos dirigentes operários-país novo em que sejam respeitados todos os interesses do povo, em que não haja exploradores, em que cada um tenha aquilo que precisa. Mas isto não se faz num dia, nem sequer num ano. Lutar contra a burguesia e derrotá-la leva anos, muitos ficaremos pelo caminho, mas não temos por onde escolher. Não há nenhum remédio prático e rápido. A vida não é fácil para as classes exploradas, a luta também não será fácil. Só uma organização justa, que não se deixe corromper por nada, que esteja acima de tudo de terminada a servir o povo, pode guiar as massas operárias e todo o povo à vitória. Essa organização da classe operária não existe em Portugal. A primeira coisa que temos a fazer desde já é lançar as suas sementes.

Camaradas metalúrgicos, acabaram-se as ilusões. Só com a revolução popular dirigida pela classe operária poderemos acabar com a exploração.

Devemos começar a luta contra os patrões e contra a burguesia, fazendo greves, sabotando a produção, danificando as máquinas e até destruí-las, devemos usar a violência contra os exploradores e os seus cães de guarda.

Quando os operários lutam unidos, todos recuam: os encarregados, os



polícias, os patrões, até os exércitos imperialistas recuam perante as ofensivas dos povos que lutam unidos.

Camaradas, não nos deixemos trair. Há burgueses, que, como os fulanos dos sindicatos não querem que os operários lutem. Esses indivíduos, que são "lambe-botas" do Marcelo, dizem aos operários mentiras e falsidades que tem por fim meter medo aos operários, como certas mães fazem às crianças, ameaçando-as com o papão.

Camaradas operários de todas as indústrias, os papões são de papel. Na aparência são fortes, mas na realidade são de uma fraqueza incrível e ridícula. Podemos ter a certeza disso, e unidos seremos invencíveis.

- Os camaradas operários mais conscientes tem lutado em defesa dos interesses da classe operária. Isso não basta. Temos de ser todos a lutar. Sempre que algum de nós se lança para a frente contra um insulto, contra uma traição, de um encarregado, de um engenheiro, de um polícia ou de um bufo, devemos apoiá-lo, devemos prosseguir na luta, e cimentar a nossa unidade e a nossa consciência de classe.

Assim vale a pena lutar, assim um a um, os operários engrossarão as fileiras revolucionárias e chegaremos à construção da nossa organização da nossa cabeça.

No entanto, devemos lutar e organizarmo-nos com todo o cuidado. Não podemos ser ingênuos. Sem dúvida que não devemos ter medo, mas também não devemos ser aventureiros.

Devemos lutar sempre com todas as precauções, porque senão quem ganha é o inimigo e não nós. Por isto, a nossa organização tem de ser absolutamente clandestina, pois de outra maneira não podemos ter mais sorte que os sindicatos. Dentro da lei só devemos ser explorados, portanto essa lei é injusta e não temos nada que a rejeitar.

ORGANIZEMO-NOS POR TODA A PARTE  
E A NOSSA FORÇA SERÁ INVENCÍVEL.  
SÓ O DESENVOLVIMENTO DOS GRUPOS  
DE OPERÁRIOS DISPOSTOS À LUTA REVOLUCIONÁRIA TORNARÁ FORTE A NOSSA ORGANIZAÇÃO E INVENCÍVEL A NOSSA LUTA.

Camaradas metalúrgicos: fostes traídos pelo sindicato. Deveis apenas contar com uma força: a força da classe operária, a força da revolução popular. Não vos deixeis iludir por ninguém. Só pela luta revolucionária conseguiremos alguma coisa - e conseguiremos tudo.

Camaradas: a nossa força reside nas imensas massas trabalhadoras. É tempo de mostrarmos isso a quem ainda dúvida.

ORGANIZEMO-NOS NAS FÁBRICAS, NOS CAMPOS, NOS QUARTÉIS, NOS BARCOS, NAS ESCOLAS! UNAMO-NOS! SÓ PELA VIOLÊNCIA REVOLUCIONÁRIA ALCANÇAREMOS A VITÓRIA FINAL!

CAMARADAS, "VALE A PENA" LUTAR PELA REVOLUÇÃO DEMOCRÁTICA E POPULAR!

VIVA A UNIÃO DOS OPERÁRIOS, CAMARADES E SOLDADOS!

comité operário spartacus  
comité operário estaline  
comité operário lenine  
comité operário "o poder vermelho"  
comité operário 1º de Maio

TRABALHADORES  
DE TODO O MUNDO  
UNI-VOS

O POVO ANGOLANO  
VENCERÁ

A guerra popular em Angola alargou-se ao sul onde rebentou agora uma insurreição. Desde 1961, a luta do Povo Angolano desenvolve-se e fortalece-se, as forças colonialistas e imperialistas que tentam manter o jugo sobre os povos de África têm sofrido derrotas cada vez mais pesadas e recuam sem cessar desde 1961 frente às forças populares angolanas. O colonialismo português está condenado à morte, o POVO ANGOLANO VENCERÁ

## SAUDAMOS

Saudamos os camaradas que acabam de fazer sair mais um número dos óptimos jornais revolucionários:

"O COMUNISTA" 11

"AS ARMAS DO POVO" 3

"LUTA OPERÁRIA" 4

Chamamos a atenção sobretudo para o nº 11 de "O COMUNISTA" que aparece com dois artigos de análise e orientação do movimento operário em Portugal, da maior importância. Às respectivas redacções, o Grito do Povo envia as suas mais firmes saudações revolucionárias.

## LEIAM

### TEXTOS MARXISTAS

"O papel do trabalho na transformação do macaco em homem" - ENGELS.

"A nossa estratégia de guerrilha" - VAN TIEN.

"Manifesto do Partido Comunista" - MARX - ENGELS.

"Socialismo e Religião" - LENINE.

"As três origens - as três partes que constituem o marxismo" - LENINE.

"Democracia burguesa e ditadura do proletariado" - LENINE.

"Em armas contra a burguesia" - LENINE.

"Plataforma da Internacional Comunista" - (1º Congresso da 3ª Internacional - 1919).

PARA FAZERMOS A REVOLUÇÃO NECESSITAMOS UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO. SEM UM PARTIDO REVOLUCIONÁRIO, SEM UM PARTIDO FUNDADO NA TEORIA REVOLUCIONÁRIA MARXISTA-LENINISTA E NUM ESTILO REVOLUCIONÁRIO MARXISTA-LENINISTA, É IMPOSSÍVEL DIRIGIR A CLASSE OPERÁRIA E AS GRANDES MASSAS DO POVO À VITÓRIA SOBRE O IMPERIALISMO E OS SEUS LACAIOS.

CITAÇÃO DE

MAO

TSE-TUNG

QUE TODOS OS TRABALHADORES CONSCIENTES FORMEM GRUPOS CLANDESTINOS DE CAMARADAS NAS FÁBRICAS E NOS BAIROS EM QUE DISCUTAM E ESTUDEM A MANEIRA DE FAZER VER AOS OUTROS TRABALHADORES AS CAUSAS E FORMAS DA EXPLORAÇÃO E DA OPRESSÃO, QUE VEJAM E FAÇAM VER A MANEIRA DE LUTAR CONTRA ELAS.

QUE NA FÁBRICA E NO BAIRRO, LEIAM, DISCUTAM E EXPLIQUEM A TEORIA E A PROPAGANDA REVOLUCIONÁRIA, CRIEM NÚCLEOS DE LEITURA E DISCUSSÃO E FAÇAM ELES PROPRIOS PROPAGANDA E AGITAÇÃO, ATRAVÉS DE PICHAGENS (INSCRIÇÕES NAS PAREDES) E DA PALAVRA ESCRITA.

A CLASSE OPERÁRIA PRECISA DE FORMAR COMITÊS OPERÁRIOS COMPLETAMENTE CLANDESTINOS POR TODA A PARTE, QUE VEJAM QUAIS SÃO OS PROBLEMAS COMUNS QUE MAIS AFLIGEM OS TRABALHADORES E OS FAÇAM AVANÇAR UNIDOS PARA A LUTA, QUE INFORMEM E A FAÇAM AVANÇAR, PARA FAZER DE CADA FÁBRICA E DE CADA BAIRRO UMA PORTALEZA ONDE FLUTUE A BANDEIRA VERMELHA E ARDA A CHAMA DA LIBERDADE DO POVO QUE ABRAZARÁ TODO O PAÍS E REDUZIRÁ A CINZAS O NOSSO INIMIGO DE CLASSE.

- 11 -

COM OS COMITÊS OPERÁRIOS LANÇEMOS POR TODA A PARTE AS SEMENTES DO PARTIDO DA CLASSE OPERÁRIA!